Litoral

SEMANÁRIO

DIRECTOR E EDITOR — DAVID CRISTO ★ ADMINISTRADOR — ALFREDO DA COSTA SANTOS
PROPRIETÁRIOS — DAVID CRISTO E FRANCISCO SANTOS ★ REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO,
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: EM «A LUSITÂNIA», R. DE HOMEM CRISTO, 20 — TEL. 23886 — AVEIRO

DELPHICA

O VIII FESTIVAL INTERNACIONAL DE TEATRO UNIVERSITÁRIO

termina hoje em

COIMBRA

Termina já hoje a VIII DELFÍADA que, este ano, se está a realizar na cidade dos dos doutores — COIMBRA.

A importância de tal acontecimento já por si impunha ao Litoral, *atento como sempre a tudo o que eleva a nossa terra e a nossa província, o dever de prestar a máxima atenção ao Festival Internacional de Teatro Universitário que durante uma semana prendeu a atenção dos intelectuais e de todos aqueles para quem TALMA não é palavra vã.*

Mais uma vez, Portugal fica a dever ao Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra, sob a proficiente direcção do Professor Doutor Paulo Quintela, realização de tal importância que, só por si, honra a Academia Coimbrã e o País.

À VIII DELFÍADA dignaram-se prestar apoio material o Ministério da Educação Nacional e a Fundação Gulbenkian. Nunca será de mais enaltecer a acção, deveras importantíssima, que esta Fundação tem desenvolvido em prol da cultura portuguesa, em todos os seus sectores. Fala melhor do que nós a obra já realizada.

Continua na página 5

assuntos dos jornais & assuntos locais

2 ARTIGO DO DR. ALBERTO SOUTO

ABORDÁMOS no último número deste semanário um trecho do discurso que o Chefe do Distrito leu no Governo Civil na véspera de S. João, na posse do novo Presidente da Câmara de Aveiro. Trata-se de um assunto local, meramente local, mas que temos o direito e o dever de conhecer, apreciar e comentar, tanto mais que o sr. Governador atacou, feriu, magoou.

Não nos interessa nada a filosofia do sr. Dr. Jaime Ferreira da Silva, distendida ao longo dessa peça oratória que, pelo seu estilo e conteúdo, cremos ser sem rival nem igual em actos de semelhante natureza.

Efectivamente, à cidade e ao município, ao distrito e à Nação e ao público em geral, não importa nada que o sr. Dr. Jaime Ferreira da Silva, como médico que é em Estarreja, *se ausculte a si mesmo* em Aveiro, e *que seja espiritualista ou existencialista ou que hierarquize ou não hierarquize a essência e a existência, o básico e o acessório ou que invoque ou não invoque as Pitonisas de Delfos* e o *simbolismo grego* (se não acreditam, vejam «O Comércio do Porto», de 25 de Junho. É o único jornal que publicou integralmente a dita peça).

O auditório ficou sem perceber coisíssima nenhuma de tal trapalhada, mas esses passos do discurso não fizeram mossa a ninguém.

O mesmo não sucedeu já com a delirante e agressiva história do Município de Aveiro, dividida *em três ciclos após o 28 de Maio e com a novidade da imagem da restinga inamovível das disciplinas da administração contra a qual o generoso vento do idealismo atirou a pujante exuberância das minhas concepções, fazendo-as soçobrar na panorâmica desarticulada e imprecisa que eu criei, deixando tudo no inacabado, no esboço e no anseio, pouco mais ou menos, como as coisas que ninguém entende na arte moderna, apesar de aqui ou ali manifestarem garra.* (Veja-se o mesmo número do mesmo jornal).

A propósito desta tirada, vieram-me à lembrança dois casos da *panorâmica aveirense* que, pelos vistos, meteram *restinga* ou *desarticulação* em detrimento dos verdadeiros interesses da cidade, e isso é que importa.

* * *

Vejamos o primeiro caso. Em Abril de 1957 (ainda eu estava muito longe de supor que viria a ser chamado à Presidência da Câmara de Aveiro) o sr. Coronel Gaspar Inácio Ferreira, então deputado pelo nosso Círculo, falando aliás bem, como lhe é próprio, na Assembleia

Continua na página 2

entrevista com um délfico

DAVID COLLINS

por GASPAR ALBINO

TEATRO DE GIL VICENTE. Domingo de manhã. Acompanhados pelo sr. Belmiro Amaral, o técnico que de Aveiro se deslocou a Coimbra para as montagens de cena, entrámos na sala de espectáculos da nova sede da Associação Académico. Ele queria-nos mostrar as dependências esplêndidas da parte do edifício em que está instalado o teatro. Familiarizado com todos os seus recantos, vimos o moderno palco de soalho móvel, os camarins confortáveis, as salas de ensaio. Nestas já se encontram a trabalhar os jovens de THE SELWYN COLLEGE MITRE PLAYERS. Compenetrados no decorrer do ensaio, atentos, mal nos olharam. Mas nós não queríamos sair do TEATRO DE GIL VICENTE sem registar, para estas colunas, dez reis de conversa com um moço do grupo.

No palco, estavam os rapazes e as raparigas do COLLEGIUM DELPHICUM que representariam, nessa mesma noite, AGAMEMNON.

Estes eram alvo impossível para a nossa caneta.

Tinha de ser, portanto, um dos elementos de CAMBRIDGE.

Esperámos que houvesse um pequeno interregno e, então, na primeira oportunidade, falámos com um jovem do grupo. Não nos conhecíamos, mas isso, entre estudantes, não tem qualquer significado.

Passados que foram os primeiros momentos, já estávamos, num dos bancos do jardim interior (simples de forma mas de extremo bom gosto) da sede da Associação Académica, em afável conversa.

A partir dessa altura, éramos amigos. Eu já sabia o seu o nome, a sua terra, que universidade frequentava.

David Collins, de vinte anos de idade, natural dum lugar próximo de Bristol. Estudante em Cambridge, como todos os seus outros colegas.

Como não poderia deixar de ser, o nosso primeiro cuidado foi saber quais tinham sido as suas primeiras impressões a quando da sua chegada a Portugal.

— Mal entrámos no vosso País, o nosso combóio teve de parar antes duma ponte. Um outro chegara lá primeiro. De maneira que tive um pouco de tempo para ver atentamente a paisagem que, desde logo, me deixou ficar encantado.

Queríamos saber o que David pensava da hospitalidade do estudante coimbrão. Respondeu-nos de pronto:

— É engraçado notar que todos os que se nos dirigem começam a falar francês. A verdade é que nós não somos fortes nessa língua. Pelos menos, a mim, este pormenor deixou-me ficar um pouco confuso. Tal facto não se regista nos meios universi-

Continua na página 5

ENTRÁMOS na segunda quinzena de Setembro — perspectiva nada aliciante, para muitos, do fim de férias. Mas todos, os felizes que têm férias e os que jamais logram tempo ou dinheiro para vilegiaturas — e tantos são, infelizmente!... — se acostumaram a considerar o Outono, que se aproxima, como limiar de redobrados trabalhos, multiplicadas canseiras, renovo de árduos suores. Só as crianças vivem amplamente as delícias que a natural despreocupação da sua idade lhes faculta — e, nas praias, armazenam saúde, não apenas para mais um ano de labuta, como a gente feita, mas para todo um futuro, sempre incerto e tantas vezes sem as apetecidas tréguas dumas férias repousadas.

Foto de PEDRO VILHENA

Aveiro, 16 de Setembro de 1961 ◆ Ano VII ◆ Número 360

Assuntos dos Jornais e Assuntos Locais

Continuação da primeira página

Nacional, sobre assuntos locais e regionais, disse o seguinte:

«Na sessão de 29 de Março, os ilustres deputados pelo Círculo de Aveiro Dr. Paulo Cancela de Abreu e Dr. Joaquim de Pinto Brandão manifestaram o seu regozijo e dirigiram agradecimento ao sr. Ministro das Obras Públicas pela abertura do concurso das variantes das estradas n.os 16 e 109, junto da cidade de Aveiro.

Só hoje me é possível associar-me às palavras dos dois ilustres deputados que, com tanta razão e justiça, frizaram o grande interesse daquela obra e da supressão da actual passagem de nível de Esgueira. Este regozijo sobe de ponto pela informação que recentemente me foi dada de que estavam ultimadas com êxito as negociações com a C. P., que permitem possa ser encarada para muito breve, simultâneamente com a das derivantes referidas, a construção da estrada de acesso à cidade sem a qual Aveiro seria fortemente prejudicada.»

— Sem a qual a cidade seria fortemente prejudicada!...

Disse bem o hoje meu ex-amigo sr. Coronel Gaspar Ferreira, quando falou em Abril de 1957 na Assembleia Nacional. Mas o que dirá a isto o sr. Dr. Jaime Ferreira da Silva que na situação de Chefe do Distrito nunca deu um passo para apressar o melhoramento e evitar a situação de prejuízo para a cidade, de que tão acertadamente falou o sr. Coronel Gaspar Ferreira?

Em 1957, o sr. Coronel queria referir-se à projectada nova comunicação de Aveiro por baixo da linha férrea, e que se relacionava com a variante às estradas nacionais n.os 16 e 109 (Porto-Leiria) e com a nacional n.º 230 (Águeda-Caramulo).

Essa inovação rodoviária, no seu prolongamento para Nascente — constituirá, por seu turno, uma variante à estrada 230 (Águeda-Caramulo), que, cruzando com a variante às 16-109 perto de St.º António do Mudo, deve vir a passar sob a linha férrea do Norte junto às Fábricas Jerónimo Pereira Campos, Filhos, para proporcionar uma ampla, desembaraçada e expedita comunicação da cidade com as rodovias nacionais do Norte e Nascente do Distrito.

O seu traçado, segundo o plano da Junta Antónoma das Estradas, vai pela ponte da Fonte Nova e margem sul do Canal do Cojo até à Ponte-praça, para daqui seguir pela Rua do Clube dos Galitos até à Ponte da Dobadoura, estrada nacional 109-7, Ponte da Gafanha, Barra.

É um melhoramento muito importante para Aveiro e tão importante e necessário que *«sem ele Aveiro será fortemente prejudicada»*.

Eu considerei-o sempre, como não podia deixar de ser, uma obra capital para a utilidade prática e para a dignidade representativa e estética do nosso centro citadino que, pela mesquinhez de alguns dos seus aspectos e pelo acervo de pardieiros e ruínas e de erbanços e silvados que nele se vêem, e pelo escandaloso desaproveitamento de preciosos espaços vagos, está abaixo da categoria da cidade e precisa de ser corajosamente remodelado.

Por agora trata-se apenas da primeira fase do melhoramento geral ou seja do projecto de uma obra viária da Junta Autónama das Estradas. Mas ao encontro dessa obra primordial tem de vir a chamada *urbanização à volta do Museu*, pois seria imperdoável não romper uma descida da Rua de Caçadores 10 e da sua convergente, Rua do Dr. Nascimento Leitão, até à nova estrada nacional, cujo troço nesta zona será a futura Rua de Homem Christo, como seria imperdoável não se prever desde já a possibilidade de uma nova ponte a ligar futuramente todo o sistema viário e urbanístico do sul do canal com o fundo da Avenida do Dr. Lourenço Peixinho.

Como os leitores vêem — isto é tudo *desarticulado e impreciso!*

Ora do empenho do sr. Ministro das Obras Públicas por este plano fui eu grata testemunha durante perto de quatro anos, mas também sou testemunha do desgosto e contrariedade que lhe têm causado algumas *restingas* que se lhe opuseram, tais como as exigências e dificuldades da C. P. e a injustificável teimosia da Junta Autónoma do Porto de Aveiro quanto ao canalículo a leste da Ponte da Fonte-Nova, canalículo de deplorável aparência e de insignificante utilidade, a que o sr. Ministro chamou *«um dedo gangrenado da Ria»*.

Não são só estas as *restingas* contrariadoras do projecto.

Outras dificuldades e estudos de ordem técnica e algumas divergências entre os técnicos têm havido a empecilhar a realização do importante plano que, mesmo só na sua fase preliminar de mera obra vial, é do maior alcance para o desenvolvimento económico e para o melhoramento urbanístico do centro da cidade.

Mas o facto é que nestes cinco anos últimos se iniciaram e concluiram os difíceis e custosos trabalhos da variante da estrada nacional Porto-Leiria e os da nova estrada e da nova ponte da Gafanha, enquanto que os da comunicação setentrional e oriental da cidade através do vale do Cojo nem a concurso ainda foram.

E é então caso de perguntar:

— será *restinga inamovível* nas disciplinas da administração do próprio Estado ou haverá alguma *panorâmica desarticulada e imprecisa* na Junta Autónoma das Estradas, na Direcção Geral da Urbanização, no Ministério das Obras Públicas?

Não é necessário consultar o Oráculo, nem evocar o estro das Pitonisas de Delfos, para responder. O que é preciso — é conhecer os problemas e fazer exame de consciência!

* * *

Em próximo artigo veremos o caso do empréstimo municipal de 10.000 contos, que, com todos os requisitos técnicos e legais, a Câmara a que presidi pediu em Setembro de 1960.

ALBERTO SOUTO

SERVIÇO DE FARMÁCIAS

Sábado	MOURA
Domingo	CENTRAL
2.ª feira	MODERNA
3.ª feira	A L A
4.ª feira	CENTRAL
5.ª feira	AVEIRENSE
6.ª feira	SAÚDE

Conselho Municipal

Como estava anunciado, reuniu-se, na pretérita segunda-feira, o Conselho Municipal, para apreciar o Plano de Actividade e as Bases do Orçamento para 1962 da Câmara Municipal de Aveiro, ali apresentado pelo Presidente do nosso Município, sr. Eng.º-agrónomo Henrique de Mascarenhas.

O aludido diploma — a que oportunamente faremos mais pormenorizadas referências — mereceu inteira aprovação do Conselho Municipal.

Novo Comandante dos «Bombeiros Velhos»

No próximo dia 23, pelas 22 horas, toma posse do cargo de 1.º Comandante da benemérita Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Aveiro o sr. Carlos Alberto da Cunha Soares Machado.

A cerimónia efectua-se na sede da prestante corporação aveirense.

Movimento marítimo

★ Em 7, procedente de Moçâmedes, via Lisboa, entrou o barco atuneiro *Rio Vouga*, com coiros salgados.

★ Em 9, vindo de Setúbal, entrou o galeão a motor, *Praia da Saúde*, com 80 toneladas de cimento.

★ Em 10, em lastro, saiu para o Porto o galeão a motor *Praia da Saúde*.

Terrorismo em Angola

Conforme anunciámos, celebrou-se na passada terça-feira, 12 do corrente, na igreja da Sé, uma missa sufragando as almas dos soldados portugueses e as de todas as vítimas do terrorismo em Angola, e pedindo, por intercessão de Santa Joana Princesa, a protecção de Deus para os que ali defendem os sagrados direitos de Portugal.

Foi celebrante o Rev.º Padre Mário Ferreira Bacalhau e proferiu uma breve alocução o Reitor da Sé, Rev.º Padre Messias da Rocha Hipólito.

O piedoso acto, promovido por um grupo de aveirenses, foi grandemente concorrido, encontrando-se presentes, além dos srs. comandantes militar, da P. S. P. e da L. P., muitos oficiais do Exército, soldados, guardas, legionários, filiados da M. P., escoteiros, estudantes, religiosas de diversas comunidades e inúmeras outras pessoas de todas as condições sociais.

Foi confirmada a notícia de que no dia 12 de cada mês se celebrará, na mesma igreja e à mesma hora, missa por aquelas intenções.

Registamos com desvanecimento que Aveiro não esquece os que em Angola têm dado a sua vida pela Pátria e os que naquela Província Ultramarina ou em qualquer outra parte sacrificadamente lutam pela integridade de Portugal.

Livros sobre Aveiro

O nosso colaborador Dr. António Christo tem preparada uma terceira edição do *Cancioneiro da Santa Joana Princesa*, com bastantes poesias que não constam das edições anteriores, e uma segunda edição do seu estudo *Alguns problemas sobre João Afonso de Aveiro*, enriquecida de novos e abundantíssimos elementos que corroboram as suas teses.

Cine-Clube de Aveiro

Após o habitual período de férias de verão, o Cine-Clube de Aveiro iniciou já mais um ano de trabalho, fazendo exibir ontem, no Teatro Aveirense, a película *Grandes Esperanças*.

Na próxima sexta-feira, dia 22, no Cine-Teatro Avenida, o Cine-Clube de Aveiro promove a sua 146.ª sessão de cinema. Será rodado o filme italiano *Os Inúteis*, realizado por Federico Fellini e interpretado por Franco Fabrizi, Franco Interlenghi, Riccardo Fellini, Alberto Sordi e Leonora Ruffo.

Exposição de Quadros de Manuel Tavares

Tem sido muito visitada a exposição de quadros a óleo do conhecido pintor Manuel Tavares, patente ao público numa dependência da Comissão Municipal de Turismo.

Peregrinação a Fátima

No passado dia 12, deslocou-se a Fátima um numeroso grupo de guardas da Polícia de Segurança Pública desta cidade, que tomou parte na peregrinação nacional daquela Corporação.

Noticiário Religioso

Amanhã, na igreja das Carmelitas, celebra-se a festa em honra de Nossa Senhora das Dores.

Pelas 8 horas, haverá missa solene. De tarde, pelas 16.30 horas, haverá sermão e exposição do Santíssimo Sacramento. Prègará o Rev.º Padre Dr. Abílio Saraiva.

Festejos Populares

• No Forte da Barra

No próximo dia 18, tradicional feriado aveirense da segunda-feira da Barra, efectuam-se no Forte os costumados festejos em honra de Nossa Senhora dos Navegantes.

O programa deste ano ficou assim elaborado:

A's 8 horas — Alvorada; às 10 horas — procissão de Nossa Senhora da Nazaré para o Forte da Barra; às 12 horas — missa solene, na capela de Nossa Senhora dos Navegantes; às 16 horas — procissão de Nossa Senhora dos Navegantes até ao Farol.

• Em Esgueira

Hoje, amanhã e ainda na segunda-feira, realizam-se em Esgueira grandiosos festejos em honra de Nossa Senhora do Rosário.

O programa das festividades foi assim estabelecido:

HOJE — Pela manhã, uma girândola de foguetes anunciará o início dos festejos; às 9 horas, a *Banda Frossense*, de Frossos, percorrerá as ruas da freguesia.

AMANHÃ — A's 7 horas — missa rezada; às 11 horas — missa solene, com sermão; às 17 horas — procissão, seguindo o itinerário habitual; às 22 horas — arraial nocturno, em que colaborará a *Banda Amizade*, de Aveiro. No final, haverá uma sessão de fogo de artifício.

SEGUNDA-FEIRA — A's 9 horas, a *Banda Frossense*, de Frossos, voltará a percorrer as ruas da freguesia; às 17 horas — arraial popular, abrilhantado pela aludida banda musical; às 22 horas — festival folclórico, em que se exibirá o conhecido *Grupo Folclórico da Casa do Povo de Esgueira*. No final, haverá nova sessão de fogo de artifício.

II Exposição de Artes Plásticas da Fundação Calouste Gulbeukian

De acordo com notícias já vindas a público, o prazo para a recepção dos concorrentes a esta Exposição, estabelecido pelo Regulamento de 1 a 30 de Setembro, foi alterado. Assim, o período a respeitar para aquele efeito decorrerá entre 15 do corrente e 10 de Outubro próximo, período durante o qual as obras dos concorrentes deverão ser entregues no pavilhão da Feira Internacioual de Lisboa, à Junqueira, onde a Fundação Calouste Gulbenkian organizou o necessário serviço de secretaria.

Por sua vez, o prazo para a entrega dos projectos de cartazes anunciadores desta Exposição terminará, como desde sempre se tem referido, no próximo dia 30 do corrente. Esclarece-se que estes projectos deverão ser entregues no Serviço de Belas-Artes, na sede da Fundação Calouste Gulbenkian, no Parque de Santa Gertrudes, em Palhavã.

Quem perdeu?

Relação — referida ao período de 1 a 31 de Agosto findo — de objectos e valores achados na via pública e entregues na Secretaria do Comando da P. S. P. de Aveiro:

— Uma nota de 20$00; uns óculos escuros; um porta moedas com 61$50; um chapeu de linho, de criança; um oleado; um sobrescrito com fotografias e vários; um porta-chaves; uma pasta de cabedal com vários; um atestado médico; um sapato de criança; uma carteira com vários; uns óculos escuros; uma nota de 50$00; uma caixa com um jogo de presos; uma argola com duas chaves; um porta moedas em plástico; uma chapa de bicicleta; um tampão de depósito de automóvel; uma carteira com 200$00 e vários; e três pares de óculos.

NOTÍCIAS DO CLUBE DOS GALITOS

Grupo Cénico

1 — Considerando o merecimento da colaboração prestada ao Clube por todos os elementos que organizaram, montaram e levaram à cena a revista «Ainda Canta o Galo!», a Direcção deliberou testemunhar-lhes a sua profunda gratidão, numa festa a realizar, possivelmente, em Outubro próximo.

2 — A Direcção elaborou e aprovou já o Regulamento Interno do novo «Grupo Cénico», considerando-se, pois, oficialmente, reorganizada esta Secção, que irá funcionar nos moldes prescritos pela lei orgânica do Clube.

3 — A revista de carácter regional que dará início às actividades do novo «Grupo Cénico» é da autoria dos Ex.mos Senhores Dr. José Gomes de Andrade e Amadeu Teixeira de Sousa — que gentilmente acederam ao convite que em devido tempo lhes fez a Direcção —, e os respectivos trabalhos encontram-se quase concluídos.

4 — Está aberta na sede do Clube a inscrição para os elementos que desejem fazer parte do elenco dessa revista, podendo os interessados preencher o competente boletim, em qualquer dia, das 17 às 24 horas.

5 — Prevê-se que os ensaios se iniciem em fins do próximo mês ou nos começos de Novembro.

PROBLEMAS DO SAL

Como registámos no último número, o diário *República* anda a publicar uma série de artigos sobre Aveiro — para nós muito desvanecedores, ainda que nem todas as afirmações neles contidas mereçam o nosso completo acordo.

Desde já agradecemos o interesse daquele diário e do seu colaborador Alfredo Noales pelos problemas aveirenses, protestando-lhes o nosso propósito de, oportunamente, glosar o que têm trazido a público.

O artigo de terça-feira última intitula-se *A indústria do sal e as vicissitudes dos que nela trabalham.*

O que dele fundamentalmente importa salientar é o reconhecimento da necessidade de uma *urgente* e *justa* actualização dos preços do sal do Salgado de Aveiro.

Devemos esclarecer que o Grémio da Lavoura de Aveiro e Ílhavo não se tem limitado a tratar o problema «em termos de uma pomposidade delirante»: muito pelo contrário, vem-se esforçando por equacioná-lo com exactidão e por conseguir para os produtores salineiros a justiça que merecem.

A culpa dos *gravíssimos prejuízos* que a produção salineira de Aveiro e da Figueira Foz vem sofrendo *de há longos anos a esta parte*, não pertence ao Governo nem ao Grémio da Lavoura de Aveiro e Ílhavo: pertence inteiramente a outrem, que importa chamar a contas pela sua injustificada acção.

Em 11 do corrente, este semanário, sempre atento aos grandes problemas de interesse regional e sempre desejoso de que eles sejam resolvidos com escrupulosa justiça, expôs ao sr. Secretário de Estado do Comércio o seguinte:

«A Redacção do «Litoral» cumprimenta muito respeitosamente V. Ex.ª e toma a liberdade de chamar a sua esclarecida atenção para o que, em 27 de Maio último, publicou no n.º 344, de que envia um exemplar.

Julga do seu dever informar V. Ex.ª da geral insatisfação dos produtores salineiros de Aveiro e da Figueira da Foz pela exiguidade do aumento de 40$00 por tonelada de sal, concedido pelo Despacho n.º 1240, de 8 de Novembro de 1960, e pelo facto de nem sequer esse insignificante aumento lhes ter sido integralmente pago.

Na presente safra, as marinhas sofreram graves prejuízos, provocados pelas trovoadas e pelas chuvas de de Julho, que obrigaram a dispendiosas reparações, a um notável acréscimo de trabalho e a um grande atraso na produção.

E ainda que o tempo se tenha posteriormente modificado, por forma a consentir uma produção mais abundante, nunca esta compensará a exiguidade das produções anteriores e os prejuízos agora sofridos.

Há mesmo bastantes marinhas onde os estragos foram tão vultuosos que afectaram profundìssimamente a produção.

Contra a regra estabelecida de o sal novo não poder ser levantado, normalmente, antes do dia 1 de Novembro de cada ano, tem-se já feito levantamentos de sal das marinhas de Aveiro, certamente por exigências do consumo, ainda que os levantamentos se hajam iniciado quando no Salgado da Figueira da Foz existia sal velho da safra anterior.

Não obstante, o preço do sal não foi actualizado, o que tem acarretado e continua a acarretar gravíssimos prejuízos para a produção.

E é incompreensível e confrangedor que o sal seja pago aos produtores à razão de 2.400$00 por cada vagão de 10 toneladas, quando em Aveiro o consumidor o paga à razão de 10.000$00 por cada vagão de 10 toneladas.

Bem podiam o capital investido nas marinhas e o árduo trabalho dos marnotos ser compensados com justiça, estabelecendo-se para o sal fino dos salgados de Aveiro e da Figueira da Foz um preço nunca inferior — segundo cálculos feitos ao custo da produção — a 3.000$00 por cada vagão, sem que por isso os consumidores fossem afectados, e podendo, até, ser favorecidos, desde que se procedesse à reorganização do comércio do sal, já determinada mas não posta em execução.

A Redacção do «Litoral» ficaria gratíssima a V. Ex.ª se lhe fosse possível, como já respeitosamente pediu, honrar os salgados de Aveiro e da Figueira da Foz com a sua visita, para melhor se aperceber da gravidade do problema e do geral descontentamento dos produtores salineiros, cujas consequências podem, sem dúvida, ser deploráveis.

Entretanto, espera muito confiadamente que V. Ex.ª se digne promover o reajustamento do preço do sal fino dos salgados nortenhos; e com os protestos da sua mais elevada consideração, subscreve-se — De V. Ex.ª muito respeitosamente, etc.».

Há, sem dúvida, quem esteja apostado em contrariar a obra de justiça do Governo e em gerar descontentamentos entre os milhares de pessoas que em Aveiro e na Figueira da Foz vivem, directa ou indirectamente, da produção salineira.

Nós, porém, confiamos em absoluto na clarividência, na probidade e no espírito de justiça do sr. Secretário de Estado do Comércio. Esta confiança nos anima a esperar que o ilustre membro do Governo, desembaraçando-se de dificuldades levantadas por maus servidores, não demore a estabelecer para o sal fino dos salgados nortenhos um preço compensador.

— Deploráveis faltas de civismo —

Selvajarias no Estádio!

A Câmara Municipal de Aveiro tem-se empenhado em transformar o Estádio de Mário Duarte num campo de jogos que possa receber cômodamente o numeroso público que, sem dúvida, ali acorrerá para assistir às competições oficiais do Sport Clube Beira-Mar, que ascendeu agora à I Divisão Nacional, em futebol.

Para isso tem promovido ali obras muito importantes e grandemente dispendiosas.

Infelizmente, tem-se verificado que uma parte do público que frequenta o Estádio para assistir aos treinos das equipas de futebol do Beira-Mar não sabe compreender o esforço da Câmara nem respeitar as limitações por ela necessàriamente impostas ao regular andamento das obras.

O público, naturalmente ansioso de ver os treinos, arromba portas, força e derruba vedações, e, pior do que tudo isso, estraga o que a Câmara tão empenhadamente e tão sacrificadamente anda a construir e a alindar!

Houve já mesmo quem se desse ao estúpido prazer de, à força de canivete, golpear e raspar pinturas, cometendo autênticas selvajarias!

Estas deploráveis faltas de educação, que muito nos contristam, deslustram os aveirenses e representam, em relação à nossa Câmara Municipal, uma ingratidão pavorosa!

E se a Câmara, no seu incontestável direito e no seu indeclinável dever de zelar os dinheiros públicos, deliberasse pura e simplesmente não gastar mais um centavo no arranjo e alindamento do Estádio de Mário Duarte?

O público tem de convencer-se de que lhe cumpre respeitar e zelar o que a Câmara Municipal realiza no interesse da comunidade.

E aos sócios do Sport Clube Beira-Mar, a todos eles indistintamente, compete exercer uma vigilância que impeça tão reprováveis desmandos, que nos prejudicam e nos envergonham!

Realizou-se a posse da nova Vice-presidente da Câmara

No salão nobre do Governo Civil de Aveiro, e no decorrer de uma concorrida cerimónia ali realizada pelas 18 horas da última terça-feira, dia 12, foi empossado no lugar de Vice-presidente da Câmara Municipal de Aveiro o conhecido médico aveirense sr. Dr. Artur Alves Moreira.

Presidiu o Chefe do Distrito, sr. Dr. Jaime Ferreira da Silva, que convidou para a mesa de honra as seguintes entidades: Dr. Manuel Soares, pela Junta Distrital de Aveiro; Coronel José Rodrigues Ricardo, Comandante Militar; Dr. Jorge da Fonseca Jorge, Delegado em Aveiro do I. N. T. P. (*à direita*); e Eng.º-agrónomo Henrique de Mascarenhas, Presidente da Câmara Municipal de Aveiro; Comandante Amândio Pires Cabral, Capitão do Porto de Aveiro; Dr. Fernando Marques, Presidente da Comissão Concelhia da União Nacional; e Dr. Artur Alves Moreira, novo Vice-presidente do Município (*à esquerda*).

Entre os assistentes, notava-se a presença de vereadores da Edilidade aveirense; dos comandantes da P. S. P. e da L. P.; do Vice-presidente da Junta Autónoma do Porto de Aveiro e do Engenheiro-Director do Porto; do Reitor do Liceu e do Director do Distrito Escolar; do Delegado de Saúde e de médicos, advogados, engenheiros e muitos amigos pessoais do empossado; e ainda de funcionários municipais e membros de diversas juntas de freguesia.

Lido o auto de posse e prestado o juramento legal, o sr. Dr. Artur Alves Moreira assinou o respectivo termo.

Falou, então, o sr. Dr. Jaime Ferreira da Silva, que principiou por referir, após breve e grata palavra de elogio ao Vice-presidente cessante, sr. Dr. Humberto Leitão:

Vi, com agrado, que os órgãos da Imprensa local tiveram palavras de simpatia e apreço ao anunciar o acesso de V. Ex.ª à função em que acaba de ser investido. A União Nacional e eu louvamo-nos no significado desses bons augúrios, ficando arrimados à confiante esperança de que eles inteiramente se concretizem em acção benéfica e proveitosa para a cidade e seu concelho.

E, depois de diversas outras considerações, o Chefe do Distrito concluiu por esta forma:

Confio em V. Ex.ª, sr. Dr. Alves Moreira, e quis oferecer-lhe esta breve nota de doutrina como motivo introdutório às suas meditações de jovem homem público. Creio no seu carácter, na sua inteligência e na sua mocidade. E desejo que sempre possa orgulhar-se, com justo fundamento, de ter servido a sua terra e o País em horas de perigo e de ansiedade que decidirão de um novo ciclo da nossa História.

O sr. Dr. Artur Alves Moreira pronunciou, então, o seu discurso, de que transcrevemos as seguintes e significativas passagens:

/.../ O momento que atravessamos é de sacrifício para todos, e justo será que ao tomar sobre mim a responsabilidade da Vice-presidência da Câmara de Aveiro o faça confiante e consciente de que me espera uma tarefa que, embora nova e, portanto, difícil, me obriga a uma aplicação total, de maneira a que possa de certo modo ser útil ao meu País — para o qual todos os sacrifícios, por maiores ou menores que sejam, serão sempre insignificantes de valor.

O presente à chamada, pronuncio-o eu, e ampare-me Deus para que não seja inútil o apelo que me foi feito. A inteligência me ajude, que a boa-vontade não falta.

Quero mais agradecer a todos os aveirenses amigos e conhecidos, de maior ou menor intimidade, que se me têm dirigido felicitando-me pela nomeação para este cargo, sentindo que os seus votos, plenos de sinceridade, serão para mim um estímulo, que muito aprecio, e a que procurarei corresponder, se não bem, pelo menos o melhor possível.

Neste agradecimento quero englobar a Imprensa local que, com as suas publicações semanais, é o melhor e mais precioso auxiliar de quem dirige /.. /

/.. / Como todos sabem, a missão do Vice-presidente da Câmara está pràticamente na dependência da Presidência: consequentemente, havendo um bom Presidente, o Vice-presidente passará despercebido. E é isso, com certeza, o que irá suceder.

Está a Presidência preenchida por uma nobre figura, distinta, zelosa e ciente das responsabilidades que lhe advêm do alto cargo que desempenha. Muito há a esperar das suas qualidades de trabalho, já antes bem patentes no seu *curriculum vitae.*

E como tal, terei plena satisfação em me oferecer para seu colaborador activo, sempre que mo solicite e as circunstâncias o justifiquem. Conte comigo, sr. Presidente. /.../

/.../ Os problemas até aqui têm sido grandes, em número e em dificuldades, mas sempre os Homens aveirenses os têm solucionado — e o fruto está bem patente aos olhos de quem queira ver as coisas pelo prisma das realidades.

Se quisermos fazer uma retrospectiva à acção daqueles munícipes que têm passado pelos lugares destacados da Presidência e demais pelouros, é fácil concluirmos que muitos fizeram para merecer a nossa gratidão — pois todos, sem excepção, se esforçaram por tornar a sua terra motivo de justo orgulho, pela posição de relevo atingida dentro da panorâmica nacional.

Apontada é a nossa cidade como das mais belas e progressivas terras portuguesas: e é nosso dever torná-la mais grandiosa e próspera, a justificar bem a apreciação com que é distinguida por nacionais e até estrangeiros.

À Câmara compete cumprir estes objectivos. Aos seus membros executá-los. Dentre esses membros, haverá um que, apelando à sua consciência e recorrendo às possibilidades da sua inteligência, tudo fará para ajudar a essa execução; e se mais não fizer, é porque não pode nem sabe. Esse membro serei eu.

Finda a cerimónia da posse, o sr. Dr. Artur Alves Moreira foi muito cumprimentado e felicitado. O *Litoral* renova ao novo Vice-presidente do Município a expressão do seu reconhecido apreço.

Entrevista com David Collins

Continuação da primeira página

tários ingleses. No entanto, todos se têm esforçado por que nada nos falte e a boa-vontade, nesse sentido, tem sido extremo.

Ficámos satisfeitos com o que nos disse David no que respeita à já tradicional hospitalidade portuguesa, hospitalidade que se não confunde com falso servilismo, mas que antes revela um dom, quase diríamos especial, de saber bem receber. Do jardim podíamos ver os colegas do David na sala de ensaios e ocorreu-nos então a ideia de lhe perguntarmos o que pensava do edifício — sede da ASSOCIAÇÃO e muito especialmente do TEATRO e suas dependências.

— Extraordinàriamente boas. Palavra de honra que não contava vir encontrar nada disto. Foi uma surpresa.

Eu e os meus colegas dormimos todos no ginásio, que tem óptimas condições para tal fim. Um senão: Onde param os cinzeiros? Ou os tiraram para «recuerdos», ou então foi esquecimento! A verdade é que não os há.

Rimo-nos da observação. Ouvíamos no palco a senhora Leyhausen a dirigir o ensaio de AGAMEMNON. O Professor Paulo Quintela passou por nós e cumprimentou-nos.

Por associação de ideias ocorreu-nos perguntar a David Collins se já alguma vez tinha ouvido falar do Director do T. E. U. C..

— Francamente, uma ou duas vezes, e já aqui em Coimbra.

Mas pelo que vi ontem, verifico que é um óptimo ensaiador e director de cena. Por outro lado, é a primeira vez que venho a uma Delfíada, outra razão por que não tinha ainda ouvido falar do vosso professor.

— Diga-nos, Collins. O que pensa do espectáculo de ontem à noite? E que tal achou o grupo do T. E. U. C.?

Ràpidamente a resposta surgiu. Deu-nos a sensação nítida, pela maneira como Collins falou, que as suas impressões já eram resultado de conversas havidas com os seus colegas e director.

— Algumas das representações individuais foram óptimos. Permito-me destacar a figura maravilhosa de Creonte. A musicalidade da dicção excelente. Já não coloco no mesmo plano a movimentação dos coros e personagens. Tanto quanto penso, neste capítulo, há defeitos a corrigir.

Tínhamos visto, na sala de ensaios, o Director de THE SELWYN COLLEGE MITRE PLAYERS. Perguntámos o seu nome e foi Roger Willians, um companheiro de David Collins, que nos disse:

— Chama-se David Raeburn. Entretanto, o Roger tinha sido chamado para o ensaio e foi Collins que nos completou a informação.

— É professor numa «public school», mas tem dedicado uma boa parte da sua vida à realização de Teatro. David Raeburn tem um conhecimento profundo do Teatro Clássico.

Essa a razão por que ele, não fazendo parte da nossa universidade, tem dirigido o nosso grupo.

Estávamos chegados ao fim. David Collins tinha de ir para a sala de ensaios. Despedimo-nos com um «good luck» bem sentido. Missão cumprida. O *Litoral* tinha acabado de registar para as suas colunas um pouco da vivência que corresponde ao lema délfico: «Aprendamos a conhecer-nos melhor a nós mesmos e uns aos outros».

A VIII DELFÍADA em Coimbra

Continuação da primeira página

As Delfíadas estão, no campo do Teatro, no mesmo plano que as Olimpíadas no campo do Desporto. Os mesmos ideais, a mesma base nobre e edificante ao serviço dos sãos princípios que animavam o ESPÍRITO GREGO.

Deve-se a sua criação ao Professor Wilhelm Leyhausen, da Universidade de Mogúncia, o qual também fundou em 1949 o Collegium Delphicum, grupo de teatro que nasceu para «fazer reviver o valor imortal dos dramas da Literatura Universal».

Tivemos a felicidade de, este ano, podermos assistir à série de espectáculos que integram a decorrente Delfíada. Até nós deslocaram-se grupos de Teatro, formados por estudantes das mais ilustres universidades da velha Europa.

No dia 9, o Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra (*T. E. U. C.*), *que representou ANTÍGONA, de Sófocles. No dia 10, o COLLEGIUM DELPHICUM, de Mogúncia (ALEMANHA) levou à cena AGAMEMNON, de Ésquilo. No dia seguinte, a FRANÇA, com o seu GROUPE DE THÉATRE ANTIQUE DE LA SORBONNE, apresentou mais duas obras de Ésquilo: LES CHOEPHORES e LE PROCÈS D'ORESTE. No dia 12, deveriam ter sido representadas as obras LE MIRACLE DE THÉOPHILE e AUCASSIN ET NICOLETTE, pelo TEATRO UNIVERSITARIO DI BOLOGNA. Infelizmente, razões de ordem financeira obrigaram este grupo a não se poder deslocar ao nosso País para participar nesta DELFÍADA.*

A SUÉCIA fez-se representar, no dia 13, por um grupo independente de Teatro, formado por estudantes da Universidade de GOTEMBURGO: o GOTEBORGS STUDENTTEATER, que nos proporcionou uma primorosa interpretação de ANTRÓMACA, de Racine.

MENAECMI, de Plauto, foi à cena, em 14, pelo CENTRO UNIVERSITÁRIO TEATRALE DI PARMA. Para culminar esta série maravilhosa de espectáculos, hoje à noite, THE SELWYN COLLEGE MITRE PLAYERS, de CAMBRIDGE (INGLATERRA) apresenta a peça de autor desconhecido-EVERYMAN.

Para nós, que tivemos a dita de poder assistir a toda a série de representações levadas a efeito no moderníssimo TEATRO DE GIL VICENTE da sede da Associação Académica de Coimbra, esta foi, sem dúvida, uma das semanas mais pujantes de riqueza cultural. Verdadeiramente, acontecimento quase único na nossa monótona vida do espírito, esta VIII DELFÍADA tem conseguido concitar as atenções gerais. Bastaria só tal facto, e não falando do valor intrínseco do evento, para que devêssemos considerar, desde já, esta JORNADA DELFICA como um dos tão poucos momentos altos da vida cultural da juventude universitária portuguesa.

O Litoral não quis deixar, portanto, passar em claro este Festival Internacional de Teatro. Lembramo-nos do êxito que o T. E. U. C. alcançou em Aveiro quando se apresentou perante o nosso público.

Os belos momentos de plástica teatral que nos foram proporcionados nessa altura mantêm-se, indelèvelmente, nas nossas retinas. O nosso dever de gratidão ao T. E. U. C. aumenta, no entanto, após a realização desta Delfíada, primeira que se realiza no nosso País. O Litoral *faz-se eco do BEM HAJA que sente sussurrado por todos os que, em qualquer parte, tiveram, alguma vez ocasião de assistir às actuações do grupo de teatro universitário com o historial mais brilhante do nosso País. BEM HAJA o T. E. U. C. pela organização das JORNADAS DÉLFICAS que hoje atingem o termo da sua oitava edição.*

Gaspar Albino

cartões de Visita

FAZEM ANOS

Hoje — *A sr.ª D. Maria José Simões Gamelas Durão, esposa do sr. Abel Ferreira da Encarnação Durão; os srs. Capitão Acácio Teixeira Lopes e Amilcar Henriques Gamelas; e a menina Maria do Rosário Moura Barbosa da Maia, filha do sr. Munuel Maria da Maia.*

Em 18 — *António Luís Morais da Cunha, João Belo e José Maria da Silva Vera-Cruz; e a menina Maria Irene Melo, filha do sr. Cesário da Graça e Melo.*

Em 19 — *As sr.ªs D. Adalcina do Céu Águedo da Silva Mateus, esposa do sr. Dr. Francisco José Mateus, e D. Maria José Dantas Cerqueira da Encarnação; os srs. Álvaro de Sousa e Manuel Simões Ratola; a menina Laura Maria, filha do sr. António Joaquim da Cunha; e os meninos António José de Carvalho Costa, filho do sr. Joaquim da Costa, e Eduardo Manuel, filho do 1.º Sargento sr. Luís Eduardo Trindade e Silva.*

Em 20 — *As sr.ªs D. Violentina de Oliveira Ortão Vieira, esposa do sr. Dr. Tomás Vieira, D. Elisiária Sequeira Pessoa e D. Ana Maria da Costa Ferreira Henriques Barreto Sacchetti, esposa do sr. Eng.º Casimiro de Almeida Azevedo Barreto Ferraz Sacchetti.*

Em 21 — *A sr.ª D Maria da Purificação Lemos dos Reis, esposa do sr. Joaquim dos Reis, Inspector dos C. T. T.; o sr. Diamantino da Costa Vieira Caniço; e o menino Adriano Henrique Pereira Campos Amorim, filho do sr. Joaquim Adriano de Almeida Campos Amorim.*

Em 22 *As sr.ªs D. Clotilde da Costa Leite Ferreira da Cunha, esposa do sr. Eng.º Armando António Ferreira da Cunha, D. Auta Augusta da Silva Chaves Martins, esposa do sr. Vitor Manuel Chaves Martins, D. Maria Leocádia de Magalhães Lima Mascarenhas, filha do sr. Desembargador Dr. Evaristo Mascarenhas, e D. Maria Emília Fortes; o Rev.º Padre Manuel Caetano Fidalgo, Director do «Correio do Vouga»; os srs. Dr. Francisco José Rodrigues do Vale Guimarães, maestro Arnaldo Vasconcelos, Óscar Pereira de Lemos, António da Cruz Morais e José Alberto da Silva Lemos; a menina Fernanda Maria Ferreira Pinho das Neves, filha do sr. Capitão Joaquim Pinho das Neves; e o menino Carlos Augusto de Miranda Pires, filho do 1.º Sargento sr. Carlos Augusto Pires.*

PARA O ULTRAMAR

Convocado para prestar serviço em Angola, embarcou para Luanda, no dia 9 do corrente, o alferes-miliciano e estudante de Direito José Luís Rebocho de Albuquerque Christo, filho do nosso colaborador Dr. António Christo.

PEDIDO DE CASAMENTO

Pela sr.ª D. Maria da Apresentação Laura Melo de Figueiredo e seu marido, sr. Pompeu de Melo Figueiredo, foi pedida em casamento para seu filho, sr. Manuel Pompeu da Laura Melo de Figueiredo, a menina Maria Luisa da Silva Amaro, filha da sr.ª D. Emília Gameiro Amaro e do industrial sr. Agnelo Simões Amaro.

O pedido foi feito em Águeda, no passado domingo, realizando-se o enlace brevemente.

DE FÉRIAS

Chegou de férias, que merecidamente gozou na sua aldeia de Cruz do Soito (S. Pedro de Alva), o sr. Antonino das Neves Mateus, funcionário da Escola Técnica de Aveiro.

DOENTE

★ *Continua a inspirar muitos cuidados o estado de saúde do sr. Epifânio Rodrigues de Lima, que se encontra retido no leito há já longo tempo.*

Ao enfermo desejamos pronto e completo restabelecimento

Regatas de Vela

Basto, do Clube Naval de Aveiro, 4,25.

Vougas

1.os - Jaaquim Maria Rodrigues e Armando Lamego, da Ovarense, 5,25 pontos; 2.os - Guilherme Taveira, Berta Sobral Dias e João Carlos Guimarães, do Clube Naval de Aveiro, 5,25; 3.os - José Maria dos Santos e José Edmundo Carvalho, do Clube Naval de Aveiro, 5,25; 3.os - José Maria dos Santos e José Edmundo Carvalho, do Clube Naval de Aveiro, 2.

★ Na noite de sábado, no Areinho, os concorrentes reuniram-se durante uma agradável ceia à americana, que foi abrilhantada por um conjunto musical composto por velejadores do Clube Naval de Aveiro.

No domingo, pelas 21 horas, e após um jantar servido no Hotel Arcada, foram distribuidos os prémios — numerosos e valiosos — que haviam sido instituidos para as competições.

Presidiu, em representação dos srs. Governador Civil e Presidente da Câmara, o sr. Eng.º Pinto Basto, Vereador do Pelouro de Desportos do Município aveirense.

★ Na primeira regata, de Aveiro a Ovar (meta instalada no Areinho), apuraram-se os seguintes triunfadores:

IV REGATA AVEIRO-OVAR-AVEIRO — *Diversos - Grupo I* — Hugo Pinto, Augusto Espada e Elias Cardoso *Diversos — Grupo II* — José Luís Archer (Filho), Maria Margarida Archer e Manuel António Branco Lopes.

II CRUZEIRO DA RIA DE AVEIRO — *Sharpies de 12 metros* — Bernardino Silva e Manuel Oliveira. *Andorinhas* — António Pinho e Manuel Duarte. *Snipes* — Manuel Borges e Filipe Fonseca. *Moths* — Manuel Freitas. *Vougas* — Joaquim Maria Rodrigues e Armando Lamego.

★ Na segunda e última regata, de Ovar a Aveiro (meta instalada na Lota), os diversos vencedores foram os que adiante indicamos:

IV REGATA AVEIRO-OVAR-AVEIRO — *Diversos — Grupo I* — Manuel Vigário, Eng.º Manuel Barros e Dr. Manuel Neves. *Diversos — Grupo II* — Joaquim Fonseca, Horácio Lopes e Arquitecto Bessa.

II CRUZEIRO DA RIA DE AVEIRO — *Sharples de 12 metros* — D. Francisco Castelo Branco e João Carlos Nóbrega. *Andorinhas* — António Pinho e Manuel Duarte. *Snipes* — Manuel Borges e Filipe Fonseca. *Moths* — Manuel Rodrigues Duarte. *Vougas* — Guilherme Taveira, Berta Sobral Dias e João Carlos Guimarães.

★ Como poderá ver-se da leitura da classificação final, diversos concorrentes concluiram as provas em igualdade de pontos. Esclarecemos que o desempate se fez tendo em consideração as diferenças de tempos verificadas entre os velejadores igualados.

Futebol

Beira-Mar — Covilhã

tiño, ex-Curunha, e Chacho, ex-Celta de Vigo) e um novo elemento nacional (Carlos Alberto, ex-Leixões), alinhou ainda com novos recrutas, em número de três, já utilizados na Covilhã. Os covilhanenses denotaram equilíbrio e harmonia entre os seus diversos sectores, marcando a sua defesa grande presença atlética; na frente, porém, os visitantes claudicaram, mostrando-se muito apagados — talvez pela boa exibição de Liberal, que voltou a ser «dono e senhor» da zona à sua guarda.

Individualmente, e para além de Liberal, há que destacar as actuações de Miguel, Paulino, Diego, Moreira e Jurado, nos locais; e de Rita, Alves Pereira, Lourenço, Lãzinha e Patiño, nos forasteiros.

A arbitragem foi regular.

Torneio de Abertura

Na segunda mão da prova em epígrafe, apuraram-se desforras dos grupos visitados. No entanto, nem Feirense nem Oliveirense conseguiram ultrapassar — ou igualar, sequer — as vantagens dos seus adversários.

Resultados do passado domingo: Feirense, 2 — Sanjoanense, 1 (1.ª mão: 1-5) e Oliveirense, 3 — Espinho, 1 (1.ª mão: 0 3).

Desta forma, amanhã, Feirense e Oliveirense batem-se pelo 3.º e 4.º lugares; e Espinho e Sanjoanense disputam a final do Torneio — em jogos marcados para as 15 e para as 17.15 horas, em Ovar.

Campeonatos Distritais

I Divisão

A prova prosseguiu no domingo, e, mercê dos resultados obtidos, temos já um guia isolado, após dois desafios realizados — o Cucujães, único grupo cem por cento vitorioso.

Das marcas do dia, surpreendem a expressão numérica alcançada pelos vistalegrenses, sendo de colocar em plano de evidência o êxito dos cucujanenses em Estarreja e a igualdade que os aguedenses impuseram em Lourosa.

Resultados gerais:

OVARENSE, 3 - CESARENSE, 1
ESTARREJA, 0 - CUCUJÃES, 1
LUSITÂNIA, 2 - RECREIO, 2
ARRIFANENSE, 3 - LAMAS, 1
VISTA-ALEGRE, 7 - ESMORIZ, 1

Mapa da classificação:

	J.	V.	E.	D.	Bolos	P.
Cucujães . . .	2	2	-	-	8-2	6
Recreio . . .	2	1	1	-	9-4	5
Lusitânia . . .	2	1	1	-	4 3	5
Vista-Alegre .	2	1	-	1	9-4	4
Estarreja . . .	2	1	-	1	2-2	4
Lamas	2	1	-	1	4-5	4
Ovarense . . .	2	1	-	1	5-7	4
Arrifanense .	2	1	-	1	5-8	4
Cesarense . .	2	-	-	2	1-5	2
Esmoriz . . .	2	-	-	2	2-9	2

Jogos para amanhã: *Recreio-Ovarense, Cesarense-Cucujães, Lamas-Lusitânia, Esmoriz-Arrifanense e Estarreja-Vista-Alegre.*

RESERVAS

Na Série A, a competição teve mais um desafio, que terminou com este desfecho:

ARRIFANENSE, 1 — LAMAS, 1.

Mapa de classificação:

	J.	V.	E.	D.	Bolos	P.
Lamas	2	1	1	-	6-1	5
Cucujães . . .	1	1	-	-	3-1	3
Arrifanense . .	1	-	1	-	1-1	2
Ovarense . . .	1	-	-	1	1-3	1
Vista-Alegre .	1	-	-	1	0-5	1
Lusitânia . . .	-	-	-	-	---	-

Amanhã, jogam: *Lamas-Lusitânia.*

Até à próxima segunda feira, dia 18, a Associação de Basquetebol de Aveiro mantém abertas as inscrições das equipas que disputarão os vários campeonatos regionais da corrente época. Nessa mesma data, e pelas 22 horas, terá lugar o sorteio dos jogos das aludidas competições.

Podemos ainda referir que o Campeonato Regional da I Divisão se iniciará em 6 de Outubro próximo.

Seguiu de Paris para Nova Iorque, na passada terça-feira, juntamente com diversos ciclistas de vários países europeus, o famoso campeão bairradino Alves Barbosa, do Sangalhos, que vai disputar uma competição internacional de grande renome — «Os Seis Dias a Nova Iorque».

Num torneio popular de futebol promovido recentemente pela União Desportiva Quintavaladense, o grupo organizador obteve um merecido triunfo, batendo, na final, o Aradense por 2-0. Nos encontros preliminares, tinham-se verificado os seguintes resultados: Aradas 2 — Quinta do Gato, 2; Oliveirinha, 4 — Exo, 1; Exo, 5 — Quinta do Gato, 2; Aradense, 1 — Oliveirinha, 1. Note-se, porém, que os aradenses resolveram a seu favor as igualdades acima indicadas, pelo sistema de desempate pela marcação de penalties.

Noutros desafios de futebol entre populares de que temos notícia, apuraram-se estes desfechos: em Eirol: Eirol, 2 — Eixo, 1; na Costa Nova: Águias do Beira-Mar, 6 — Juventude Operária de S. Jacinto, 1.

Amanhã, na homenagem ao capitão beiramarense LIBERAL

Como na semana finda já noticiámos nestas colunas, o brioso «capitão» da equipa principal do Beira-Mar, MANUEL MARQUES LIBERAL, terá amanhã a sua festa de homenagem — a sua merecidíssima festa de homenagem.

LIBERAL iniciou-se no Recreio, da vizinha vila de Águeda, terra onde nasceu. Depois, transitou para o F. C. do Porto e deste para o Tirsense. Finalmente e desde há sete épocas, LIBERAL radicou-se em Aveiro, e no Beira-Mar, conquistando grande número de sólidas e firmes amizades e geral simpatia.

Na turma amarelo-negra, de que tem sido um dos grandes pilares, o cerebral e correctíssimo futebolista vem desempenhando o honroso lugar de «capitão», vai para cinco temporadas.

BEIRA-MAR
LEIXÕES

Várias vezes campeão regional, LIBERAL alcançou igualmente dois títulos nacionais: III Divisão, em 1958-1959, e II Divisão em 1960-1961. No seu brilhante palmarés, LIBERAL conta ainda a honrosa chamada à Selecção Militar de Futebol que disputou na Bélgica, com muito brilhantismo, o Torneio Internacional.

Extremamente popular e estimado em toda região aveirense, LIBERAL — estamos certos — vai ter à sua volta o calor dos aplausos de inumerável multidão.

De resto, o encontro de fundo da sua festa possui palpitante interesse. Efectivamente, o Beira-Mar defrontará o Leixões, turma que se apresenta credenciada por um notável e merecido êxito na Taça de Portugal do ano passado, e que ainda no domingo triunfou na final do Torneio Início da Associação de Futebol do Porto.

O festival principiará às 15.20 horas, devendo iniciar-se o desafio às 15.30 horas. De referir a preciosa e amiga colaboração da turma matosinhense, que virá a Aveiro pràticamente sem encargos.

Circuito de Oliveirinha

Na altura de redigirmos a presente nota, havia conhecimento de que novas entidades oficiais e particulares e firmas da região tinham instituído prémios e trofeus para o Circuito de Oliveirinha. São eles os que a seguir indicamos: Junta de Freguesia e Henrique & Martins — de Oliveirinha; Paiva & Génio — da Quinta do Picado; Ângelo Mostardinha, Adolfo de Pinho e Aires Filipe & Vieira — de S. Bernardo; Alfredo Luís Correia — de Bonsucesso; Café Grilo, União Desportiva Quintavaladense, Albino Rodrigues da Silva & Cunhado e Humberto Vieira Génio — da Costa do Valado; Fábricas Aleluia, Fábricas Jerónimo Pereira Campos, Filhos, «A Lusitânia», Dr. Gabriel Faria, Afonso Miguel de Figueiredo, Casa Arménio, A Tentadora, António Vieira dos Santos Carlos, Sociedade de Mercearias do Vouga, «Dankal», Ourivesaria Matias e António Duarte Ferreira — de Aveiro.

Como no ano findo, a «Taça Litoral» será atribuída ao corredor que triunfe em maior número de voltas. Em apontamento final, referiremos que os organizadores do Circuito de Oliveirinha possuem mais de uma centena de troféus e prémios, todos eles valiosos, o que será grande incentivo para todos os concorrentes.

Festa de Confraternização da Associação de Futebol de Aveiro

Sarmento, antigo Presidente do Congresso da Federação Portuguesa de Futebol; Presidente da Assembleia Geral do Sport Clube Beira-Mar, Egas Salgueiro; Alexandre Miranda, Vogal da Direcção da Federação Portuguesa de Futebol; Vice-presidente da Assembleia Geral da Associação de Futebol de Aveiro, Dr. Artur Alves Moreira; Presidente da Direcção da Associação de Futebol de Coimbra, Dr. Francisco Soares; e Vice-presidente da Direcção da Associação de Futebol de Viseu, Carmindo Nogueira — à esquerda.

Depois de lida diversa correspondência, entre a qual se destacavam dois telegramas (do Dr. Francisco do Vale Guimarães, Presidente do Belenenses, e do Dr. Alberto Resende Martins, Delegado Distrital da Direcção-Geral dos Desportos), procedeu-se à distribuição dos prémios e trofeus que a Associação de Futebol de Aveiro instituiu na temporada finda.

Com taças, foram distinguidos os vencedores das várias provas regionais — Sporting de Espinho (I Divisão), Estarreja (II Divisão), Oliveirense (Reservas), Sanjoanense (Juniores), União de Lamas (II Divisão, na época de 1959-1960), e Feirense (Torneio de Encerramento) — e ainda os clubes aveirenses que melhor se comportaram nas provas nacionais em que participaram: Beira-Mar (II Divisão) e Sporting de Espinho (III Divisão).

Os prémios de correcção desportiva couberam ao Cesarense (I Divisão); Beira-Mar, Estarreja, Feirense e Pejão (Reservas); e Arrifanense, Cucujães, Espinho e Oliveirense (Juniores) — que não tiveram atletas castigados nas aludidas categorias.

O argentino Anselmo Hugo Pisa, treinador do Beira-Mar, foi galardoado com a atribuição do prémio de mérito técnico, esta época instituído pela primeira vez

Também a exemplo das anteriores temporadas, e de acordo com o número de futebolistas que cada clube inscreveu, a Associação de Aveiro ofereceu bolas de futebol aos diversos grupos, segundo a tabela abaixo indicada:

Beira-Mar — 6; Espinho — 5; Ovarense, Sanjoanense, Feirense, Recreio de Águeda e Oliveirense — 4; Cucujães e Arrifanense — 3; Estarreja, Lamas, Lusitânia, Pejão e Vista-Alegre — 2; e Anadia e Cesarense — 1.

Na altura dos brindes, e pela ordem que indicamos, usaram da palavra os srs.: Dr. António Neves e Dr. Francisco Gomes da Cruz, pela Associação de Futebol de Aveiro; António de Oliveira Figueiredo, pelos clubes aveirenses; Dr. Pacheco Nobre, em nome das várias associações regionais ali representadas; Dr. Paulo Sarmento, Francisco Mega e Dr. Orlando Valadão Chagas.

Os vários oradores exaltaram o significado da festa, ímpar no nosso País, tendo sido particularmente saudados alguns clubes (sobretudo o Beira-Mar e o Sporting de Espinho, mercê das respectivas subidas à I e à II Divisão), e diversas individualidades presentes naquela simpática reunião (o antigo dirigente espinhense e associativo Joaquim Moreira da Costa Júnior, o treinador beiramarense Anselmo Hugo Pisa, e o Secretário Permanente da A. F de Aveiro sr José de Oliveira Ferreira).

Durante os discursos foram abordados determinados problemas de muito interesse para o futebol regional e para o futebol nacional. Dentre todos, merecem especial relevância os que respeitam ao possível arrelvamento de dois campos de futebol no Distrito (em Aveiro e S. João da Madeira), melhoramento viável já em ordem à próxima época, sobretudo concernentemente à nossa cidade; a desejada alteração das datas das assembleias gerais dos clubes, para passarem a coincidir com o ano futebolístico os mandados dos dirigentes das várias colectividades; e ainda a precária situação económica dos clubes que se dedicam ao futebol.

O sr. Dr. Orlando Valadão Chagas, Director-Geral dos Desporto, que presidiu à festa de confraternização da A.F.A., quando pronunciava o seu discurso

CARTA DE LISBOA

ALINHAVOS

por GONÇALO NUNO

FOI mero acaso, porque não procuro estas coisas. Quase em frente da minha janela, num 8.º andar, um escudo com as armas do México.

Cá em baixo dezenas de grandes carros CD, uma dezena de polícias — a pé, de moto, de automóvel — e uma pequena população, anónima e humilde, acentuadamente popular.

Mais um «cocktail», pensei, habituado que estou à frequência deles no dito arranha-céus. Só estavam a mais que o habitual os tais polícias e a tal pequena população, que os carros são quase sempre os mesmos.

De repente compreendi. E compreendi quando vi sair a Amélia Rodrigues, elegantíssima e sorridente, num enorme carro que ela fazia parar de metro a metro para apertar mãos que se estendem, para dar, falando a todos, dando sempre com a sua mão bondosa que recebia beijos de gratidão. Em curtos minutos e escassos metros ela espalhou bondade e ajuda.

Por fim, o carro lá seguiu e eu julguei que tudo terminara. Mas não. Essa mesma multidão não arredou pé, ficou à espera de mais qualquer coisa. Tive curiosidade, mas só daí a um grande bocado compreendi o resto: Mário Moreno — Cantiflas!

Estoirou uma salva de palmas e ele, lépido e simpático, abandonou a comitiva dos senhores importantes e veio até cerca dos que o festejavam, sorrir e agradecer. Depois lá entrou para o carro e, com polícia à frente, a caravana de grandes carros seguiu e a multidão humilde dispersou.

Fechei a janela olhando o *Caravelle* iluminado que ia não sei para onde e sorri quando a Emissora disse que amanhã chove. Não acredito...

O Chiado está sem interesse, morno e sedento das primeiras chuvas outonais.

O Chiado deseja a chuva porque sabe que com esses primeiros pingos regressarão os retardatários, as suas devotas, as elegâncias tisnadas que são flores do seu jardim. E a grande abertura é, sem dúvida, o 1 de Outubro, mesmo que seja a chuva a retardatária.

É flagrante a mudança fisionómica que se opera então em 24 horas. Hoje, do Rato ao Chiado, o táxi levou-me exactamente em 6 minutos e ainda esteve engasgado atrás de um eléctrico; a partir de 1 de Outubro, não conseguirei fazer este trajecto diário em menos de 12 a 18 minutos, consoante a hora. Este pequeno detalhe esclarece como de um dia ao outro recrudesce com força de triplo ou quádruplo o movimento na cidade. É Lisboa que regressa a casa. É o provinciano que aqui vive que volta ao trabalho, à escola, à luta. A mudança da hora dará os retoques finais no quadro.

É o fim do folhetim estival. E o comércio do Chiado, que aguardou ansiosamente este fim — como o bar dum cinema aguarda o anacrónico intervalo — afivela o seu melhor sorriso por detrás dos balcões e recheia as vitrines das melhores tentações. Fica restabelecida, assim, a corrente e o Chiado ilumina-se de sorrisos: sorrisos dos que voltam e sorrisos dos que os aguardavam.

ÀS quintas, cheirando ao mosto, ficarão de novo entregues à incúria dos caseiros; as «roulottes» recolherão às garagens e os iates às docas; as vivendas atlânticas fechar-se-ão e o ar salino entreter-se-á a corroer-lhes as varandas e gradeamentos; a ponte da Barra ficará finalmente pronta e os Serviços Municipalizados acabarão, talvez, as modificações nas linhas de iluminação da Barra, ou talvez as interrompam para recomeçar no próximo Verão...

É tudo, ao fim e ao cabo, uma questão de rotina... É o fim de férias.

É sempre um virar de página o mês de Outubro. A «saison» avança com as suas janotices, com as suas exposições, com os seus mil e um atractivos.

O hepático volta, certamente, sem dieta; a menina volta mulher; o nevrótico volta sereno. Lisboa cá estará a aguardar uns e outros com os suas comezainas, os seus «D. Juans», os seus cheiros e barulhos.

Et la vie recommence!

Lisboa, 12 de Setembro de 1961

CRUCIFIXO

Na parede do quarto em que descanso,
A' vista de meus olhos, sempre atento
Ao meu primeiro olhar, a dar-me alento,
Um Cristo sofre, resignado e manso.

Contemplo-O condoído, e não me canso
A compreender seu duro sofrimento,
Pois vejo que se esvai o meu tormento
Ao mais furtivo aceno que lhe lanço.

Por vezes o meu Cristo, tão magoado,
Ao olhar-me, de tão transfigurado,
Parece que sorri e que me fala.

Depois de um tal festim para os meus olhos,
Nem sinto nos meus pés tantos escolhos,
E a minha cruz é um berço que me embala.

P.e Manuel Pires Bastos

Na despedida de Mondariz

pelo DR. QUERUBIM GUIMARÃES

MAIS umas notas desta vilegiatura «terapêutica» do ano que decorre. Continuo sempre a ver Portugal na Galiza. Tenho nos meus olhos o quadro geográfico que o mapa me revela. A Galiza é Portugal — diz o mapa, por muito que o contestem as convenções. Cabeça deslocada de um corpo que assim fica decepado, sofrendo a natureza o castigo dos homens.

O próprio rio que separa a cabeça do corpo chora a sua desgraça, a desgraça dos dois «namorados» (o Minho maila Galiza) que, no dizer de João Verde, os pais não deixam casar...

Conhece o leitor, certamente, os versos do poeta, que se encontram gravados nos muros de Monção, a defrontar a Galiza, do outro lado do rio, chorando esse apartamento forçado. Canta João Verde:

Vendo-os assim tão juntinhos
A Galiza mailo Minho
São como dois namorados
Que o rio traz separados
Quase desde o nascimento.
Deixá-los, pois, namorar,
Já que os pais, para casar,
Lhes não dão consentimento.

O rio separa-os, mas o coração dá-o ele a ambos — metade para a Galiza e metade para o Minho. E' vê-lo silencioso, triste, quando o atravessamos sobre a ponte internacional que as convenções ali postaram de sentinela: — do lado de lá, Tui, cidade medieval, com as suas paredes de granito enegrecidas pela poeira dos séculos; — do lado de cá, Valência, vila risonha, alegre, moderna, a atestar uma mocidade que a sua vizinha fronteiriça há muito perdeu.

De tal maneira esta irmandade se afirma na florescência da paisagem e no quotidiano da vida, que a nossa língua ali nasceu, radiculada no mesmo galaico, origem comum de ambas as línguas, com articulação fonética levemente diferenciada devido às injunções do castelhano na sua morfologia. Todavia, palavras graficamente iguais e de igual significado abundam ali. Recordo, a propósito, o seguinte episódio, deveras curioso:

Há bastantes anos, já não sei quantos, eu, Alberto Souto, felizmente ainda vivo e pujante de espírito, e seu falecido irmão Pompílio, num automóvel dos primeiros aqui aparecidos, resolvemos passear pela Espanha, indo passar uns dias a Madrid.

A nossa «kodak» focou particularidades de diversos locais e monumentos; e, numa das várias ruas que entroncam na Puerta del Sol, encontrámos uma casa fotográfica, onde mandámos revelar as chapas obtidas. Não sei porque citámos o número 8 ao empregado que nos atendeu. Lembro-me que o fizemos em espanhol, referindo o vocábulo ocho. *O empregado era galego; e, tendo-se apercebido de que nós éramos portugueses, logo replicou: «Oito, oito, senhores: sou galego, e na Galiza também se diz oito!»*

E' esta Galiza, nossa irmã, a namorada do Minho na visão poética de João Verde, que nos convida a considerá-la nossa pelo imperativo geográfico predominante.

Mas cautela, leitor amigo, não abusemos do argumento geográfico. A propósito, conto mais este episódio:

Da primeira vez que fui para Mondariz, encontrei-me num autocarro com um espanhol que me interrogou sobre Goa e sobre o nosso Estado da Índia, ao tempo muito em foco com as incursões dos chamados «sathiagrais» — pseudo-goeses sedentos de independência, que Nehru alimentava com essa tabuleta, mas sem rebuço, como reivindicações para a União Indiana dos nossos territórios ali seculares, isto em continuação do assalto a Dadrá e Nagar Aveli — de que agora, e apesar da sentença do Tribunal Internacional de Haia, se não quere desprender.

O espanhol perguntou-me porque se verificavam estas circunstâncias. E eu expliquei-lhe: era porque Nehru não é forte em História. Desconhece-a ou faz-se dela desconhecedor: para ele só há um argumento que convence — o geográfico. Olha para o mapa da Índia extensa e vê ali, fora dos seus domínios, nas margens do Índico, os nossos encraves. Então, e porque não os cedemos, como fez a França em relação aos domínios que lá tinha, pretende capturá-los pela violência.

Ora, rematei eu, com esse argumento poderíamos nós, portugueses, reivindicar também a Galiza: o mapa a isso nos aconselha... E perguntei:

— Por que há-de pertencer a Castela, se de Portugal é igualmente pela Geografia?

E o meu interlocutor espanhol, logo replicou:

— Olhe, meu amigo, isso mesmo dizemos nós, espanhóis, acerca de Portugal: por que há-de ser ali Portugal, se pelo mapa tudo é Espanha?...

Sim, sim, respeitemos as convenções... E' melhor.

VARINA

Óleo de ZÉ PENICHEIRO

SECÇÃO DIRIGIDA POR ANTÓNIO LEOPOLDO

FUTEBOL AMISTOSO

Beira-Mar, 1 Covilhã, 0

Aveirenses e covilhanenses, para preencherem algumas das datas livres antes do torneio máximo que os seus grupos vão disputar, efectuaram dois desafios amistosos. Primeiro, na Covilhã — e como na semana finda referimos — os serranos venceram, por 5-1; agora, no último domingo, em Aveiro, os homens da Ria obtiveram uma desforra, mercê de um tangencial êxito por 1-0.

No jogo realizado nesta cidade, sob arbitragem do sr. Mário Silva, coadjuvado pelos srs. Henrique Silva (bancada) e Joaquim Freire (peão), os grupos apresentaram:

BEIRA-MAR — Bastos (Violas); Evaristo, Liberal e Moreira; Marçal e Jurado (Ribeiro); Miguel (Calisto), Amândio, Diego, Paulino (Correia) e Chaves.

COVILHÃ — Rita (Alves Pereira); Lourenço, Carlos Alberto (Cavém) e Couceiro; Patiño e Lãzinha; Manteigueiro, Chacho (Martinho), Adventino, Adriano e Palmeiro Antunes.

Um golo excelentemente apontado por PAULINO, aos 40 m., no seguimento de um passe de Chaves, garantiu o êxito dos beiramarenses. O êxito foi justo, inteiramente, e podia até ter sido traduzido por outros números — se os dianteiros amarelo-negros estivessem mais felizes na finalização, e com a sua pontaria mais afinada, e ainda se os dois guardiões utilizados pelos «leões» da serra não tivessem brilhado, como brilharam, numa série de defesas autênticamente magníficas, a salvar o seu grupo de golos quase certos...

Já com o concurso do extremo Miguel, os beiramarenses não puderam utilizar Azevedo, lesionado. E, ainda com o grupo em rodagem, procurando melhor entendimento, ligação e afinação entre os seus sectores, o Beira-Mar alternou períodos incaracterísticos com fases de certo luzimento, mercê de lampejos de determinados elementos.

A exibição dos aveirenses não foi brilhante: mas parece-nos bem que ela serviu à maravilha para se verificarem alguns dos pontos vulneráveis do onze, por forma a que venham a ser corrigidas posições e reforçados os quadros futebolísticos beiramarenses, no intuito de se conseguir uma situação estável e tranquila no próximo torneio máximo.

A turma serrana, que em Aveiro experimentou dois possíveis reforços oriundos de Espanha (Pa-

Continua na página Seis

PROVAS COM O PATROCÍNIO DO Litoral

II CIRCUITO CICLISTA DE OLIVEIRINHA

Como temos vindo a anunciar, é já amanhã, pelas 15 horas, que se disputa o II Circuito Ciclista de Oliveirinha — prova reservada para populares maiores de 18 anos, organizada pela Casa do Povo de Oliveirinha, com o patrocínio da F. N. A. T. e do LITORAL. A competição engloba dez voltas ao percurso já corrido no ano findo — Oliveirinha - Marco - Gândara - Costa do Valado - Granja - Oliveirinha —, totalizando 70 quilómetros; a meta, também como em 1960, estará instalada junto da sede da Casa do Povo de Oliveirinha.

Há bastante interesse pela prova, podendo referir-se mesmo que devem entrar na competição mais de meia centena de ciclistas, representando, além de outras, as seguintes colectividades: Sangalhos, Ovarense, Oliveirense, F. C. de Oliveirinha, Quintavaladense, Cabo Mondego (Figueira da Foz), «Rimarte» (Vale de Cambra), Associação Recreativa Castelense (Vale de Cambra). Legitima-se, portanto, a previsão de que será excelentemente disputada a prova, podendo ainda adiantar-se que, forçosamente, terá de possuir valor e aptidão para a modalidade o triunfador de amanhã, que sucederá ao sangalhense Manuel Morais de Sousa — o grande vencedor da época passada.

Continua na página 6

FESTIVAL NÁUTICO DA RIA DE AVEIRO

Dificuldades intransponíveis surgidas à última hora forçaram os organizadores do FESTIVAL NÁUTICO DA RIA DE AVEIRO, marcado para amanhã, a adiá-lo para o próximo dia 24, com início às 18 horas.

Por esta circunstância, só na próxima semana falaremos do projectado festival promovido pela Secção de Natação do Beira-Mar, com o patrocínio da Comissão Municipal de Turismo, da Federação Portuguesa de Natação e do LITORAL.

Desde já, porém, podemos referir que enviarão nadadores à VI Meia-Milha da Ria de Aveiro — número principal daquela tarde náutica — os mais representativos clubes portugueses de natação.

VELA

IV REGATA AVEIRO - OVAR - AVEIRO
II CRUZEIRO DA RIA DE AVEIRO

COM a presença de velejadores dos quatro clubes do Distrito que se têm dedicado à prática da vela, realizaram-se no sábado e domingo passados a IV Regata Aveiro-Ovar-Aveiro e o II Cruzeiro da Ria de Aveiro — em cuidada organização do Clube Naval de Aveiro que não nos foi possível anunciar, dado que só no último sábado, quando o número do *Litoral* da semana finda se encontrava distribuído, tivemos conhecimento da efectivação das aludidas competições.

As provas tiveram muito interesse e revestiram-se de muita beleza, constituindo um espectáculo deveras grato para quantos não se cansam de proclamar as inúmeras e excelentes condições da Ria de Aveiro para os desportos náuticos. Sobre esta confirmação, há ainda que evidenciar que algumas das regatas se imbuiram de grande expectativa, sendo os postos cimeiros disputadíssimos.

O vento não ajudou os concorrentes, tanto de Aveiro para Ovar, no sábado, como de Ovar para Aveiro, no domingo — circunstância que tornou mais árduo o trabalho dos vinte e seis velejadores que participaram nas regatas.

As classificações finais ficaram assim ordenadas:

IV Regata Aveiro-Ovar-Aveiro

Diversos — Grupo I

1.os - Manuel Vigário, Eng.º Manuel Barros e Dr. Manuel Neves, da Ovarense, 3,25 pontos, 2.os — Hugo Pinto, Augusto Espada e Elias Cardoso, da Ovarense, 3,25.

Diversos — Grupo II

1.os - Joaquim Fonseca, Horácio Lopes e Arquitecto Bessa, da Ovarense, 4,25 pontos; 2.os - José Luís Archer (Filho), Maria Margarida Archer e Manuel António Branco Lopes, do Clube Naval de Aveiro, 4,25; 3.os - Fernando Alçada e António Freitas, da Ovarense, 4.

II Cruzeiro da Ria de Aveiro

Sharpies de 12 metros

1.os - Bernardino Silva e Manuel Oliveira, da Ovarense, 3.25 pontos, 2.os - D. Francisco Castelo Branco e Jeão Carlos Nóbrega, do Clube Naval de Aveiro, 3,25.

Andorinhas

1.os - António Pinto e Manuel Duarte, da Ovarense, 8.5 pontos; 2.os - Rui Sérgio e Lívio Silva, do Sporting de Aveiro, 5; 3.os - José Silva e João Borges, da Ovarense, 5; 4.os - Sucena Pinto e Horácio Sérgio, do Recreio Caciense, 2.

Snipes

1.os - Manuel Borges e Filipe Fonseca, da Ovarense, 6,5 pontos; 2.os - José Duarte Silva e Adolfo Vidal, da Ovarense, 4; 3.os - Augusto Arala Chaves e António Ventura, da Ovarense, 2.

Moths

1.º - Helder Guimarães, do Clube Naval de Aveiro, 13 pontos; 2.º - Manuel Freitas, da Ovarense, 12,25; 3.º - Manuel Rodrigues Duarte, da Ovarense, 10.25; 4.º - José Manuel Xavier, do Clube Naval de Aveiro, 10; 5.º - Paulo Estrela Santos, do Sporting de Aveiro, 10; 6.º - Carlos Alberto Vidal, do Sporting de Aveiro, 7; 7.º - José Luís Martins Pereira, do Sporting de Aveiro, 6; 8.º - Guilherme Pinto

Continua na página 6

DOIS AVEIRENSES NOS Campeonatos Nacionais de NATAÇÃO

Como aqui anunciámos, na semana finda, os nadadores aveirenses Vasco Naia, sénior do Beira-Mar, e António Lourival Pires Neves, júnior do Galitos, participaram nos Campeonatos Nacionais de Natação, que se disputaram na Piscina Municipal de Vasco Jacob, no sábado e domingo inaugurada oficialmente na cidade de Tomar.

Ambos os desportistas competiram no sábado, e ambos correram os 200 metros bruços. Todavia, e enquanto o internacional beiramarense não conseguiu qualificar-se para a final, obtendo mesmo o segundo pior tempo das eliminatórias (3 m. 12,4 s.) — o jovem galito conseguiu uma excelente vitória, alcançando um título nacional.

Vasco Naia terá de recobrar alentos, certo como é que possui valor positivo e é capacíssimo de regressar a plano de evidência. Terá, contudo, de se preparar com afinco e de não desanimar.

António Lourival Pires Neves é um esperançoso moço, que gostosamente felicitamos com uma palavra de parabéns e de incentivo a novos cometimentos. O seu gosto pela salutar modalidade e a sua juventude — 17 anos — são garantia de futuros triunfos para o Galitos e para Aveiro.

Se o tempo do alvi-rubro não foi famoso — Lourival conseguiu 3 m. 20,3 s., contra 3 m. 2,8 s. do campeão da época finda, o angolano Duarte Cochofel — há porém que evidenciar-se que ele não teve adversários, já que os seus competidores, Herlander Gonçalves (Nacional de Natação) e António Cerqueira Vieira (F. C. do Porto), pouco valor demonstraram, creditando-se de marcas demasiado fracas: 3 m. 31,5 s., para o lisboeta, e 3 m. 50,8 s., para o portuense.

Na gravura — *O nadador bruçista António Lourival Pires Neves, do Galitos, esperançoso campeão nacional dos 200 metros*

Festa de Confraternização da A. F. de Aveiro

NO prosseguimento de uma louvável tradição, a Associação de Futebol de Aveiro promoveu, no pretérito sábado, no Restaurante Galo d' Ouro, o anual jantar de confraternização entre os seus dirigentes e os dirigentes dos diversos clubes seus filiados.

A' festiva reunião presidiu o sr. Dr. Orlando Valadão Chagas, Director-Geral dos Desportos, vendo-se ainda na mesa de honra as seguintes individualidades: Presidente da Federação Portuguesa de Futebol, Francisco Mega; Presidente da Direcção da Associação de Futebol de Aveiro, Dr. Francisco Gomes da Cruz; Presidente da Direcção da Associação de Futebol de Lisboa, Dr. Manuel Pacheco Nobre; Cândido de Almeida, representando a Associação de Futebol do Porto; Presidente da Comissão Distrital dos Árbitros de Futebol de Aveiro, Eng.º Ventura da Cruz; Secretário-Geral da Federação Portuguesa de Futebol, Afonso Lacerda; Secretário Permanente da Associação de Futebol de Lisboa, Silva Santos; Presidente do Conselho Jurisdicional da Associação de Futebol de Aveiro, Dr. Roberto Vaz de Oliveira; Joaquim Moreira da Costa Júnior, antigo dirigente; e Diamantino Mourão, representando a Associação de Futebol de Braga — à direita; *e Presidente da Assembleia Geral da Associação de Futebol de Aveiro, Dr. António Neves; Dr. Paulo*

Continua na página 6

16 de Setembro de 1961
ANO SÉTIMO — N.º 360
A V E N Ç A